

CATEGORIA DE FUTURO: UMA ABORDAGEM FUNCIONAL

Milca Cerqueira Etinger Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: milcacerqueira@gmail.com

Nayara Crisley Brasil

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: ncbbrocha@gmail.com

Valéria Viana Sousa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: valeriavianasousa@gmail.com

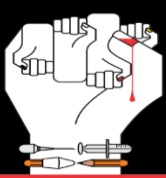
806

INTRODUÇÃO

A reforma do ensino é um tema bastante polêmico desde que a educação se tornou um direito comum a todos. A necessidade de reorganização educacional tem sido discutida tanto no que diz respeito ao conteúdo quanto ao método. Segundo Britto (2002), essa problematização está relacionada à forma como o ensino foi injetado para as camadas populares. A expansão da educação formal, com a incorporação dos segmentos sociais, não foi democratizada. Os métodos e os conteúdos não foram reelaborados e, dessa forma, o aluno, ao ser inserido no ambiente escolar, deparava-se com uma cultura diferente da sua e via os seus padrões culturais ignorados ou considerados errados, e, em consequência disso, muitas vezes, abandonava o sistema educacional.

Nessas circunstâncias, foram instituídos projetos para lidar com a reforma do ensino, como os Parâmetros Curriculares Nacionais – doravante PCN. No que diz respeito ao ensino de língua materna, por exemplo, o ensinar gramática se voltou para pensar a língua em suas condições de uso, tal como é exercida e avaliada em sociedade. Essa concepção está correlacionada com o que é abordado na vertente funcionalista, que propõe investigar a linguagem no contexto discursivo, buscando a motivação para os fatos da língua.

Várias pesquisas de base funcionalista (BISPO, SILVA, 2011; FURTADO DA CUNHA et., 2014) têm se dedicado ao desenvolvimento de alternativas para o tratamento da variação linguística em sala de aula, com foco na educação básica. Esses



estudos têm contribuído, significativamente, com o combate ao preconceito linguístico e a melhoria do ensino fundamental e médio.

Mas, apesar dessas discussões acerca da reorganização do ensino, existem algumas problemáticas que ainda persistem. Encontramos, por exemplo, nas gramáticas prescritivas, a normatização linguística e a falta de redefinição de conteúdo, como a categoria tempo futuro. Sabemos que a futuridade pode ser representada por diferentes formas, como: (a) futuro do presente do indicativo (*Amanhã, eu sairei às 8 horas*); (b) a forma perifrástica (*Amanhã, eu vou sair às 8 horas*); (c) o presente do indicativo (*Amanhã, eu saio às 8 horas*), entre outras. Contudo, o uso da perífrase com o verbo *ir*, entre outras estruturas, ainda não são previstas na escrita pela gramática prescritiva.

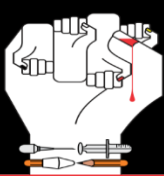
Além disso, entre os tempos verbais da Língua Portuguesa: passado, presente e futuro, o tempo verbal futuro é bastante polêmico em virtude de suas variantes e da dificuldade de encaixamento na identidade categoria tempo. De acordo com Gibbon (2000), existe um valor modal associado ao valor temporal.

Diante das variedades de expressão do futuro, nos questionamos quais são os fatores que motivam a escolha do falante por uma estrutura formada pelo verbo *ir* para expressar o futuro em vez da forma sintética. Assim sendo, lançamos a hipótese de que a emergência de novas estruturas é resultado da prática discursiva dos falantes, da natureza morfológica, semântica da estrutura, entre outros fatores. Compreendemos ainda que o *ir* sofre um processo de gramaticalização, passando a atuar também como um auxiliar verbal.

Dessa forma, fundamentadas em Heine (1991), Givón (1991), Hopper (1993), nosso objetivo central é investigar, dentro da perspectiva funcionalista, o favorecimento do uso do verbo *ir* para expressão do futuro em Vitória da Conquista – Ba. Quanto aos objetivos específicos, esses consistem em descrever e analisar as variantes do futuro com o *ir*.

Essa pesquisa tem a finalidade de colaborar com os estudos sobre o tempo verbal futuro e propor às instituições escolares uma discussão sobre as diversas construções que desempenham a função de expressar futuridade. Assim, acreditamos que o método de ensino que visa estudar a língua, para além da Tradição Gramatical – observando o uso, a função, o contexto comunicativo, entre outros fatores –, constitui uma estratégia de resistência, de reconhecimento da existência do outro e da sua diversidade.

Nesse pensamento, apresentamos brevemente, na seção de metodologia, os procedimentos de análise da variante de futuro *ir* no presente + infinitivo.



METODOLOGIA

Interessadas no uso efetivo da língua, consideramos nossa pesquisa de base empírica, como foco no caráter sincrônico. Ademais, baseamo-nos no Método Misto quali-quantitativo, que corresponde à associação das metodologias qualitativa e quantitativa.

O método qualitativo nos auxilia na compreensão da motivação da emergência de novas estruturas e na descrição dos fenômenos, enquanto o método quantitativo dos dados contribui para interpretação dos dados, indicando tendências de usos.

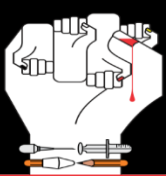
Para a pesquisa, utilizamos dados de dois *corpora* orais da região: Português Popular (*Corpus PPVC*), com 24 informantes sem escolaridade ou com até 5 anos de escolarização, e Português Culto (*Corpus PCVC*), com 24 informantes com mais de 11 anos de escolaridade. Os *corpora* foram organizados pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)Funcionalismo – CNPq e os informantes, além da divisão entre popular e culto (Escolaridade), estão estratificados em Faixa Etária e Sexo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Consideramos importantes as contribuições de correntes teóricas, em especial o do Funcionalismo, para o tratamento do ensino de Língua Portuguesa. Esse modelo fornece uma alternativa para que se trabalhe a gramática e o discurso em situações reais de comunicação. Essa orientação, também encontrada nos PCN, desperta o interesse dos alunos para o ensino de língua, e as aulas de Português ganham mais sentido.

Assim, considerando a língua em uso, examinamos a forma de futuro registrada nos compêndios gramaticais. Observamos que gramáticos como Cunha e Cintra (2013); Bechara (2009) e Rocha Lima (2003) prescrevem como norma padrão para indicar o futuro do presente o uso do morfema – *ra (re)* tônico. Quando tratam da forma perifrástica da futuridade, declaram que é a forma preferencialmente utilizada na conversação. Contudo, apesar dessa asseveração, exemplos extraídos desses mesmos autores atestam que a escrita também é espaço de expansão da forma perifrástica de futuro. (SILVA, 2015, p. 36).

Apesar da prescrição da gramática sobre o futuro, verificamos nas ocorrências do PPVC e PCVC - além da utilização do *ir* em seu sentido original prototípico de deslocamento, como no exemplo (01) – o uso da perífrase *ir +* verbo no infinitivo para a



indicação de futuro. Nessa estrutura, o *ir* passa por um processo de gramaticalização, em que, acompanhado do verbo principal, perde sua liberdade sintática e assume um papel de auxiliar. Como observados nos excertos (02) e (03).

(01) Bom, eu gosto muito de ir ao shopping, ou ao cinema comprá alguma coisa.

Eu sempre gosto de fazê isso. Fora isso é mais em casa, ou então quando alguém me convida pra sair e a gente vai pra jantá fora, pra **ir** à casa de alguém, eh... **ir** num restaurante, alguma coisa assim. (ASA -PCVC)

(02) Sei lá, {ININT} que novela tem... tem o dom de... de envolvê as pessoas, né? Aí você parô, assistiu você aí... 'cê fica: "Eu quero vê o que **vai** **acontecê** amanhã... [eu] quero vê o que **vai** **acontecê** amanhã." Entendeu? ... (GNB- PPVC).

(03) É... ano passado conversaram lá e disseram que eu **vou ficar** lá mesmo [it is good], é bom. (PCVC – FSLB).

Em ambos os *corpora* (popular e culto), encontramos ocorrências em que o *ir* comporta-se ora como verbo pleno, ora como verbo auxiliar, marcador de futuridade. Constatamos a trajetória da mudança do sentido concreto para o abstrato. A coexistência desses dois usos – um mais concreto (01); outro abstrato (02) (03) – dão à estrutura um caráter polissêmico, sem haver sobreposição de uma forma sobre a outra. Assim, eles se realizam em contextos diferentes. Desse modo, estamos sob a perspectiva de Hopper (1991), em que novos sentidos convivem com os antigos, e convencidos da trajetória de mudança estabelecida por Heine et al (1991): espaço > tempo.

Diante da dinamicidade da língua, verificamos uma necessidade de atualização dos registros da Tradição Gramatical, no caso em específico, das estruturas de futuro. O uso perifrástico de futuro (com o verbo *ir*), por exemplo, já convencionalizado no vernáculo do Português Brasileiro, como confirmado nos resultados apresentados por Silva (2015) na Tabela 1, e em pesquisa de Nunes (2003) e Oliveira (2006), deveria ser incorporado às gramáticas normativas e ao ensino de Língua Portuguesa, em uma abordagem funcionalista.

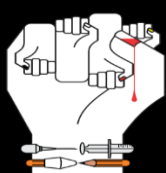


Tabela 1. Ocorrências da variante perifrástica com *ir* no presente e da forma sintética de futuro encontradas nos corpora PCVC e PPVC

VARIANTES	PCVC	PPVC
Ir no presente + infinitivo	67/164 40,8%	77/116 66,4%
Futuro do presente	8/164 4,9%	1/116 0,9%

810

Frente a esses resultados, evidenciamos que a forma sintética de futuro, considerada a padrão, é utilizada na oralidade em contextos formais de comunicação. A forma analítica não é estigmatizada e já se implementou na fala, independente de escolaridade e da faixa etária, principalmente a constituída com o *ir* no presente + verbo no infinitivo (*vou estudar, vou fazer*).

CONCLUSÃO

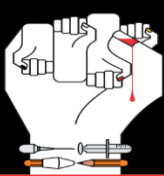
Diferente da Tradição Gramatical, os estudos linguísticos procuram compreender a motivação para a emergência das variantes, seja por meio da análise da língua em situação real de comunicação, seja por parâmetros sociais, seja por processos cognitivos. Essas discussões revelam a existência de motivações de natureza humana que interferem na formulação e organização das construções linguísticas.

Dessa forma, descrevemos o processo de gramaticalização do verbo *ir* na constituição da perifrástica para o futuro. E diante da coexistência de usos, consideramos que há de se fazer uma reformulação das gramáticas prescritivas no que concerne ao tempo verbal futuro.

Palavras-chave: Categoria de futuro. Ensino. Abordagem funcional.

REFERÊNCIAS

BRITTO, Luiz Percival Leme. A nova crítica ao ensino da língua. In: BRITTO, Luiz Percival Leme. *A sombra do caos: ensino de língua X tradição gramatical*. 2 reimp. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2002, p. 97-126.



BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2003.

CUNHA, Cunha; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GIBBON, Adriana de Oliveira. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. 126f. – Mestrado em Letras/Linguística – Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2000.

GIVÓN, T. *Syntax*. v. I. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

HEINE, B. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam; John Benjamins, 1991.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E.C. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 1993.

NUNES, Rosane. *Evolução Cíclica do Futuro do Presente: do latim ao português*. 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Católica de Pelotas. Rio Grande do Sul, 2003.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. 252f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Milca C. E. *O uso do futuro perifrástico com verbo ir no português oral e escrito de Vitória da Conquista*. 127f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2015.

